



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social
Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social - fundamentos

TRABALHO NA PARTICULARIDADE CAPITALISTA: contribuições ao Serviço Social

RAPHAEL DUTRA BAZARELLO ¹
CLÁUDIO AYRÁ RIBEIRO PINTO ²
FILLIPE PERANTONI ³
LARISSA PEREIRA SILVA ³

Resumo: O presente trabalho busca apresentar, a partir de Marx, o trabalho em seu elemento mais geral e específico, sua forma assalariada no capitalismo, revelando elementos do procedimento metodológico de Marx com o intuito de contribuir para o entendimento do trabalho cada vez mais precarizado do assistente social.

Palavras-chave: trabalho; capitalismo; Serviço Social.

Abstract: This paper presents, based on Marx theory, labor in its most general and specific element, the salaried for in capitalism. Revealing elements of methodological

1 Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal De Juiz De Fora

2 Estudante de Graduação. Universidade Federal De Juiz De Fora

3 Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal Do Rio De Janeiro

procedure used by the author, we intend to contribute to the understanding of the increasingly precarious work of social worker.

Keywords: labour; capitalism; Social Work.

1. INTRODUÇÃO

O Serviço Social faz parte do conjunto de especializações do trabalho que compõem a sociabilidade capitalista. De acordo com Yamamoto (2007, p.415) “é uma das especializações do trabalho, parte da divisão social e técnica do trabalho social” e seu exercício profissional é realizado “pela mediação do trabalho assalariado, que tem na esfera do Estado e nos organismos privados – empresariais ou não – os pilares de maior sustentação dos espaços ocupacionais desse profissional, perfilando o seu mercado de trabalho” (Yamamoto, 2009, p.8). Como tal, cumpre um papel tanto do ponto de vista da efetivação do conhecimento humano quanto um

papel social frente às demandas postas por esta sociabilidade. É, pois, profissão que atua diretamente na mediação de um conflito, entre as classes sociais, atendendo às demandas postas, tanto por aqueles que participam das políticas e serviços onde o assistente social se faz presente, mas em especial, atende à demanda de seus empregadores seja na esfera pública ou privada.

As respostas à *questão social* passam a ser canalizadas para os mecanismos reguladores do mercado e para organizações privadas, as quais partilham com o Estado a implementação de programas focalizados e descentralizados de “combate à pobreza e à exclusão social”. (Iamamoto, 2007, p.162)

É nesse sentido, entendendo a profissão como expressão de um conflito e disputa de classes, que deve-se pensar o assistente social como agente que cumpre papel com a própria classe da qual faz parte, a classe trabalhadora. Desta forma, compreender o assistente social enquanto trabalhador apresenta uma implicação óbvia, mas que muitas vezes se faz esquecida: o assistente social trabalha, produz como resultado social do que realiza, trabalho, em sua implicação da mais complexa e diversa.

Este artigo se propõe, tão somente, refletir sobre a categoria trabalho em sua acepção mais basilar dentro do referencial adotado pela profissão, a tradição marxista, em especial Marx. O que se intenta é fomentar a apreensão da categoria trabalho em seus elementos constitutivos a fim de pensar essa relação profissional: um elemento da classe trabalhadora que atua sobre as expressões do conflito de classe, buscando apaziguar este conflito, mesmo que o usuário dos serviços sociais sejam também classe trabalhadora.

2. O TRABALHO COMO ABSTRAÇÃO RAZOÁVEL

Marx em seu processo investigativo analisa a sociedade burguesa em seus aspectos constitutivos, sendo o trabalho um elemento importante de suas observações. Ao buscar compreender o mesmo, parte da realidade em seu movimento, que se apresenta inicialmente como um todo caótico e passa a organizar no pensamento, em um processo de absorção cognoscível das categorias presentes no mundo concreto para que possa posteriormente retornar ao real com as categorias e colocá-las à prova na concreticidade, ou seja, pôr o concreto

pensado defronte da dinâmica da realidade. Marx parte de uma abstração acerca do trabalho, o *trabalho em geral*, que apresenta características comuns a todos os processos de trabalho presentes em momentos históricos distintos. O mesmo se configura como a relação que o ser humano estabelece com a natureza, como forma de sua sobrevivência, como apresenta Marx,

Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colméia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colméia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que existia idealmente. (MARX, 2013, p.255-256)

O que Marx apresenta de fundamental neste seguimento é o fato de o trabalho, para o ser humano, ter a capacidade de ser previamente planejado, de ser construído mentalmente aquilo que se pretende realizar no mundo material, antes de realizá-lo de fato. O que Marx vai caracterizar como, “[...] a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa” (MARX, 2013, p.256). Desta forma, Marx parte de uma consideração geral do trabalho, aquilo que está presente nas mais diversas formas de se produzir, a fim de entender as particularidades do trabalho em seus momentos específicos, em especial o trabalho assalariado, forma particular do trabalho no capitalismo. Importante se faz pontuar que o trabalho aqui é estabelecido enquanto uma abstração razoável, ou seja, Marx parte da concreticidade a fim de criar uma abstração, retira da realidade a categoria trabalho com seus elementos constitutivos, e busca observar o que há de determinante nesta forma analisada que não se fazia presente em formas anteriores. Para esclarecer a questão é importante compreender a teoria das abstrações, de Chasin, como aporte para compreensão do procedimento metodológico de Marx.

3. CHASIN E A TEORIA DAS ABSTRAÇÕES EM MARX

Chasin (2009) compreende que o caráter onto-histórico das abstrações confere-as o qualificativo marxiano de abstrações razoáveis. As abstrações se caracterizam como tais na medida em que conseguem capturar aspectos reais

gerais sobre o objeto, como elementos presentes em representações distintas do objeto em condições históricas diferentes. Trata, pois, de comparar os elementos que analisa e abstrair aqueles aspectos em comum presentes, dentro de formações sociais concretas. As abstrações podem revelar elementos comuns em todos os momentos históricos ou parcelarmente a alguns momentos, mais modernos ou antigos. As razoáveis constituem duas funções, permitem destacar as diversidades precípuas, ou seja, a consideração de suas diferenças. Ignorar as diferenças essenciais entre dois momentos de um objeto significa apagar seu processo histórico e suas particularidades, deixando de lado os objetos reais em suas determinações. A outra função, diz respeito à representação mental daquilo que é real e concreto anteriormente a sua efetivação, em que a especulação se finda e o conhecimento racional da realidade se torna possível. Partindo da imediaticidade, emergindo de seus complexos parciais que desembocam numa “representação caótica do todo”, uma vez que a totalidade ou suas partes levam a meras abstrações se forem desconsiderados os seus elementos constituintes. Isso resulta em um caos de representação, por ser a simples junção de abstrações esvaziadas de conteúdo e organização.

Marx observa que os economistas do século XVII também iniciavam suas investigações pelos elementos da realidade dispostos de forma caótica, mas não se limitavam a expor essas representações, conseguindo extrair da realidade seus nexos constitutivos e os elementos gerais de sua composição. A refinação e análise mais profunda da realidade permitira aos pesquisadores chegar a categorias cada vez mais simples, que funcionam como uma base de entendimento do movimento real. Esse aprofundamento permite a análise das abstrações e consegue com elas lapidadas e bem recortadas, chegar às abstrações isoladoras, quando um elemento da realidade é bem descrito e colocado de forma a permitir que as categorias simples se articulem às mais complexas. A depuração das abstrações, seu desenvolvimento como abstrações razoáveis, o pré-requisito para o desenvolvimento teórico, permite que se organize aquilo que se constituiria como todo caótico e se elabore um complexo de totalidade de determinações e relações.

Para Marx, o verdadeiro método científico se realiza nesse processo de abstrações com o posterior retorno das mesmas ao concreto objetivo. Determinada a abstração razoável, Chasin prossegue explicitando aquilo que seria um “método” ou “procedimento metodológico” em Marx.

A força da abstração se expressa enquanto capacidade do sujeito que pensa, sendo que a elevação do real ao pensamento, sua ideação, é caracterizado para Marx como concreto pensado. O método científico, então, “[...] não é mais do que a *maneira de proceder do pensamento*” (CHASIN, 2009, p.128). Chasin resume o “método” em poucas palavras:

Delineada a *abstração razoável* como ponto de partida do “método científico exato” e apontado o concreto como *resultado* ou “um todo de pensamentos” a ser alcançado, há que assinalar que toda travessia de um a outro desses pólos permanece ainda inteiramente submersa na obscuridade. (CHASIN, 2009, p.128)

Pontos de partida e de chegada não se configuram como antípodas, nem pelos seus conteúdos, nem pela forma. Durante seu processo de síntese apresentam mediações aglutinadoras que permitem ligar esses dois pólos, sendo fundamentais para tal a “universalidade das abstrações razoáveis”, bem como que se leve em consideração as diferenças nos processos de desenvolvimento histórico das categorias analisadas. Abstrações razoáveis, relações gerais e as mais simples categorias são elementos decisivos para se partir em um processo investigativo. Mas como tais, não determinam os objetos reais, o movimento da realidade. Devem, antes, expressar no pensamento a concreticidade do mundo, se tornar momento concreto como resultado da ideação de momentos abstratos. Chasin destaca que um elemento que constitui fundamentalmente essa transformação é a razoabilidade das categorias simples, ou seja, a atualidade do que constituem suas naturezas ontológicas como forma de apreender idealmente objetos reais. O que se realiza é a comparação entre as abstrações e a realidade em si, a fim de se mensurar, com o intuito de realizar uma representação do real que seja mais fidedigna. Como sintetiza Chasin,

Em termos bem sintéticos, na rota que vai do simples ao complexo, do abstrato ao concreto, as abstrações razoáveis devem perder generalidade por especificação, adquirindo os perfis da particularidade e da singularização, ou seja, a fisionomia de

Dessa forma, é importante destacar que para Marx, as abstrações que foram delimitadas para a apreensão do objeto, se articulem entre si com o objetivo de trazer ao pensamento o complexo da vida material, uma vez que essa é composta por uma multilateralidade de complexos constituídos por múltiplas determinações. A articulação entre as categorias finda o processo investigativo, sendo, de certa forma, seu ponto de chegada por que permite reproduzir no pensamento o real movimento do objeto, mas também funciona como confirmação e explicação de todo o processo anterior, pois pressuposto. Marx faz a crítica dos economistas clássicos, que misturam abstrações de caráter diversos, apresentando uma superficialidade da compreensão dos nexos que unem esses elementos. Assim, as abstrações deixam de expressar suas virtualidades e, contrapostas à compreensão de Marx, passam a demonstrar relações criadas em um ambiente exterior à elas mesmas, o pensamento formal. Um encadeamento superficial se configura, pois, na medida em que os silogismos dos economistas realizam uma simples vinculação tópica, como Chasin aponta. Marx aponta que, a articulação não se configura enquanto etapa lógico-formal do processo investigativo, mas como expressão da conexão íntima, das relações basilares entre as categorias, ou seja, elementos diversos que constituem uma totalidade.

Chasin permite compreender bem como Marx realizava seu procedimento investigativo, e nos permite caracterizar a categoria trabalho, nas palavras do próprio Marx, como trabalho em geral, “O trabalho parece uma categoria muito simples. A representação do trabalho nessa universalidade – como trabalho em geral – também é muito antiga.” (MARX, 2011, p.57). O autor entende o trabalho tanto em seu aspecto geral, elemento presente em todos os momentos da vida do ser social, enquanto condição de sobrevivência, trabalho concreto e desta forma, uma abstração razoável, como colocado na introdução dos Grundrisse. Também percebe o trabalho, em sua particularidade, enquanto trabalho assalariado e estranhado, como caso particular da sociedade burguesa, em que apresenta características próprias. Assim sendo, é necessário compreender o caminho percorrido pelo autor,

e para tanto utilizar-se-á novamente os Grundrisse a fim de compreender a necessária maturação do objeto como necessidade para sua apreensão e suas especificidades.

4. OS GRUNDRISSE E A APREENSÃO DO TRABALHO EM MARX

É interessante retornar à Marx, nos Grundrisse, a fim de apreender do próprio autor e fazer provar seu procedimento investigativo. Para Marx o importante é analisar a realidade, com fins de conhecê-la, como expõem, “[...] quando se fala de produção, sempre se está falando de produção em um determinado estágio de desenvolvimento social – da produção de indivíduos sociais.” (2011, p. 41). Ou seja, toda realidade e os indivíduos que a compõem estão circunscritos em determinado contexto histórico e social. O pontapé inicial de Marx é sempre a realidade social posta, partindo da concreticidade de forma caótica para retornar à mesma ao final do processo investigativo, compreendendo a mesma circunscrita às particularidades históricas e sociais. Importante notar que Marx sempre destaca aquilo que particulariza, que torna específico determinado objeto de análise.

Para compreender, no caso, a produção no capitalismo, faz-se necessário compreender como ela se deu nos modos de produção anteriores, mas não como genealogia do desenvolvimento da produção, e sim enquanto particularidade. Marx busca entender o que chama de “produção em geral” como uma abstração razoável, aquilo que seria elemento comum de diversas formas produtivas:

No entanto, todas as épocas da produção têm certas características em comum, determinações em comum. A produção em geral é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição. Entretanto, esse Universal, ou o comum isolado por comparação, é ele próprio algo multiplamente articulado, cindindo em diferentes determinações. (MARX, 2011, p.41)

Ou seja, a mesma categoria pode estar presente em momentos históricos distintos ou sob sociabilidades diferentes, mas o que qualifica é aquilo que a diferencia no momento analisado. Apesar de ter elementos comuns em diversos modos de produção, os mesmos, dadas as condições históricas em que estão presentes, também se particularizam. Alguns elementos perpassam momentos

históricos diferentes, outros se tornam exclusivos de um momento em especial. Os economistas burgueses, que se encaixam dentro de uma determinação social do pensamento, falseiam as particularidades do capitalismo em relações universais e naturais, que sempre haveriam de existir em todas as sociedades humanas. Tratam, pois, de separar a produção da distribuição, como elementos distintos e separados, sendo que a primeira é alçada à posição de a-histórica e seu funcionamento fundado em leis naturais, não cabendo então particularidades próprias do capitalismo. A troca por outro lado, sofreu alterações e modificações com o passar do tempo, se expressando segundo particularidades dos momentos históricos. Por mais que a distribuição tenha, de fato, passado por alterações, também se pode nesse caso encontrar elementos comuns que façam parte do modo de distribuição presente em todos os momentos históricos de forma comum. Como bem sintetiza Marx:

Para resumir: para todos os estágios da produção há determinações comuns que são fixadas pelo pensamento como determinações universais; mas as assim chamadas condições universais de toda produção nada mais são do que esses momentos abstratos, com os quais nenhum estágio histórico efetivo da produção pode ser compreendido. (MARX, 2011, p.44)

Importante destacar que Marx faz a crítica da economia política quando esta cria abstrações falseadoras, seja com a generalização da mesma categoria para momentos históricos diferentes, dando a mesma um sentido a-histórico, seja com as famosas robinsonadas, criação de personagens e momentos fictícios para se estender características do homem subsumido ao capital à essência humana. Desta forma, cabe sempre entender as categorias com relações recíprocas com o momento histórico em que são observadas. O trabalho assalariado, por exemplo, que gera valor e cria capital, como características particulares desta sociabilidade, ou seja, o trabalho subsumido ao capitalismo – nas palavras de Marx: “2) distribuição dos membros da sociedade nos diferentes tipos de produção, o que constitui uma determinação ulterior da mesma relação. (Subsunção dos indivíduos sob relações de produção determinadas.)” (MARX, 2011, p.51) -, se apresenta na distribuição enquanto salário que compra mercadorias para a satisfação do trabalhador. Assim, essa forma de trabalho, assalariado, se coloca enquanto particularidade desta sociabilidade e não como forma universal.

Mas as categorias, como abstrações dos elementos reais, além de estabelecerem relações de reflexão entre si, apresentam em si fragmentos e conexões mais gerais com seus elementos anteriores, que de alguma forma tenham contribuído com seu desenvolvimento. Marx entende que um campo de possibilidades das decisões dos homens, baseados em suas vontades e escolhas, determinam o desenvolvimento histórico. Isso faz com que se possa entender as categorias mais simples, e as sociedades mais simples, pelas mais complexas, uma vez que as categorias mais complexas possuem em si, maturadas, as categorias mais simples. Porém, não há uma relação direta entre sociedade desenvolvida e desenvolvimento de determinada categoria, como aponta Marx,

Desse modo, muito embora possa ter existido historicamente antes da categoria mais concreta, a categoria mais simples, em seu pleno desenvolvimento intensivo e extensivo, pode pertencer precisamente a uma forma de sociedade combinada, enquanto a categoria mais concreta estava plenamente desenvolvida em uma forma de sociedade menos desenvolvida. (MARX, 2011, p.57)

Marx utiliza o exemplo do dinheiro, que durante o modo de produção escravista se apresentava em sua forma simples e que só foi se desenvolver enquanto categoria mais complexa e difundida quando do surgimento do capitalismo, se tornando ainda, durante o feudalismo, elemento mais desenvolvido do que em sociedades mais complexas como a romana e a grega. O trabalho também aparece enquanto relação social subsumida ao modo de produção de determinado momento histórico, apesar de ser uma categoria simples que tem uma representação muito antiga. O objeto investigado se apresenta então, como parte de um processo de maturação da categoria analisada, ou seja, é um momento avançado em relação ao que já foi, mas parte ainda de um processo ininterrupto de mudança, mas que possibilita, de seu patamar, olhar aquilo que já se passou de forma clara e perceber seus nexos de desenvolvimento e formação.

A indiferença diante de um determinado tipo de trabalho pressupõe uma totalidade muito desenvolvida de tipos efetivos de trabalho, nenhum dos quais predomina sobre os demais. Portanto, as abstrações mais gerais surgem unicamente com o desenvolvimento concreto mais rico, ali onde um aspecto aparece como comum a muitos, comum a todos. Nesse caso, deixa de poder ser pensado exclusivamente em uma forma particular. Por outro lado, essa abstração do trabalho em geral não é apenas o resultado mental de uma totalidade concreta de trabalhos. A indiferença em relação ao trabalho determinado corresponde a uma forma de sociedade em que os indivíduos passam com facilidade de um trabalho a outro, e em que o tipo determinado do trabalho é para eles contingente e, por conseguinte, indiferente.

(MARX, 2011, p. 57-58)

Aqui, Marx explicita a importância da especificação enquanto elemento que caracteriza e particulariza, no caso, a forma trabalho. Quando se estabelece o trabalho em geral, inespecífico, centralizado, se perde de vista sua forma particular, saltando aos olhos a afirmação final de que a indiferença em relação ao trabalho está posta exatamente nessa sociabilidade em que o mesmo não apresenta significado caracterizante para quem trabalha, mas somente como uma contingencialidade de suas vidas. Marx faz uma ponderação interessante ao falar sobre a determinabilidade do trabalho em exemplos comparativos de EUA e Rússia, mostrando que o desenvolvimento do trabalho em geral se deu de forma distinta entre eles.

Esse exemplo do trabalho mostra com clareza como as próprias categorias mais abstratas, apesar de sua validade para todas as épocas - justamente por causa de sua abstração -, na determinabilidade dessa própria abstração, são igualmente produto de relações históricas e têm sua plena validade só para essas relações e no interior delas. (MARX, 2011, p.58)

O que permite diferenciar e caracterizar determinado modo de produção é a diferença específica que possui em relação aos modos anteriores. O capitalismo se configurou enquanto momento mais avançado da organização da produção, como apresenta Marx: “A anatomia do ser humano é a chave para a anatomia do macaco. Por outro lado, os indícios de formas superiores nas espécies animais inferiores só podem ser compreendidos quando a própria forma superior já é conhecida.” (2011, p.58). Assim, modos de produção mais avançados podem compreender e fazer a crítica de modos de produção anteriores, mas para Marx, a capacidade de entendimento está subordinada ao surgimento da crítica do próprio modo de produção vigente. A moderna sociedade burguesa permite compreender o desenvolvimento e a sequência pela qual se deram as categorias ao longo da história. Isto posto, faz-se necessário agora compreender o que é o trabalho, em suas determinações, especificidades e momento de maturação na sociabilidade do capital, e captar a crítica que Marx faz a este modo de produção com o intuito de compreender o mesmo enquanto parte de um processo de desenvolvimento histórico humano.

5. O TRABALHO NA SOCIABILIDADE DO CAPITAL

A princípio é necessário estabelecer o que é o trabalho *per se*, suas características universais e em seguida aquilo que o estabelece na relação com o capitalismo. O processo de trabalho ocorre pela própria transformação da força de trabalho, sua capacidade latente (em potência), em trabalho realizado (em ato). O trabalho se configura como a relação que o ser humano estabelece com a natureza, a sua forma de sobrevivência. Utiliza suas capacidades físicas e mentais a fim de modificar a natureza para satisfazer suas necessidades, e nesse processo, se modifica. Dessa forma, desenvolve capacidades latentes presentes em si mesmo, como apresenta Marx,

Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata, aqui, das primeiras formas instintivas, animais, do trabalho. Um incomensurável intervalo de tempo separa o estágio em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho daquele em que o trabalho humano ainda não se desvincilhou de sua forma instintiva. (MARX, 2013, p.255)

Logo em seguida, apresenta um elemento fundamental do trabalho e de sua característica humana, sua ideação prévia, uma teleologia:

Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que existia idealmente. (MARX, 2013, p.255-256)

Aqui retomamos a citação tão famosa, que apresenta um elemento essencial do trabalho humano, o fato de ter a capacidade de ser previamente planejado, de ser construído mentalmente aquilo que se pretende realizar no mundo material, antes de realizá-lo de fato. O que Marx coloca como, “[...] a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa” (MARX, 2013, p.256). Esse elemento pré-concebido que orienta a ação humana para um objetivo, nem sempre finalístico, possibilita a

realização do trabalho enquanto uma ação humana mediadora de sua relação com a natureza, de sua sobrevivência material enquanto ser. Mas na particularidade do capital o trabalho apresenta elementos que formam sua especificação.

O capitalista ao comprar a força de trabalho consome-a como tal quando o proletário trabalha e assim, cria mercadorias. Essas mercadorias necessitam ser valores de uso, produtos que são necessários, que possuem utilidade. Quando o capitalista produz, ele não busca apenas a criação de valores de uso, não é seu objetivo produzir coisas pelo fato de serem necessárias, mas o que ele busca de fato são valores de troca. Com isso ele quer sempre produzir valores de uso - produtos necessários – e que possuam valor de troca, ou seja, mercadorias. Ao mesmo tempo, essas mercadorias devem possuir um valor que seja superior ao capital adiantado no início da produção na compra dos meios de produção e da força de trabalho, ou seja, um mais-valor que seja acrescentado durante o processo produtivo. O produto se valoriza então, quando o mesmo é acrescentado de trabalho, que se cristaliza naquele produto que deve ser um valor de uso. Nas palavras do próprio Marx,

Sabemos que o valor de toda mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho materializado em seu valor de uso, pelo tempo de trabalho socialmente necessário a sua produção. Isso vale também para o produto que reverte para nosso capitalista como resultado do processo de trabalho. A primeira tarefa é, portanto, calcular o trabalho objetivado nesse produto. (MARX, 2013, p.264)

Com a produção de determinada mercadoria, está presente em si o valor presente nas mercadorias compradas para que esta pudesse ser realizada, ou seja, toda mercadoria, possui em seu valor, a soma dos valores dos meios de trabalho utilizados para sua produção, inclusive o que se refere aos desgastes de maquinaria e bens físicos de estrutura de produção, como a estrutura da fábrica, combustível, energia, por exemplo. Um elemento é importante de ser destacado, como observa Marx “[...] pressupõe-se que o tempo de trabalho empregado não ultrapasse o tempo necessário de trabalho sob dadas condições sociais de produção” (MARX, 2013, p.265). Ou seja, quando ele aborda a situação sempre pensa dentro de uma média social global, que no caso corresponde ao socialmente necessário para a produção daquela determinada mercadoria.

Durante o tempo de trabalho, uma quantidade de valor é acrescida a esta nova mercadoria, sendo que ao final da produção, todos os elementos para a produção da mercadoria, contribuíram de alguma forma para o valor final criado. O trabalho realizado é resultado do dispêndio da força vital do trabalhador, que contribui com sua capacidade viva – trabalho vivo – na criação de novos valores. A condição fundamental da força de trabalho é que ela tem a capacidade de produzir mais valor do que o correspondente a sua própria necessidade de reprodução da vida. Dessa forma, o trabalhador realiza sua capacidade produtiva por um tempo de trabalho assalariado maior do que a quantidade de horas que seriam suficientes para que pagasse sua própria força de trabalho. O capitalista paga pela força de trabalho o seu valor social médio, na forma de salário, mas compra a capacidade de trabalho que é superior ao que consome. O capitalista está em busca, ao comprar a força de trabalho do trabalhador, de valorizar sua mercadoria, uma vez que o trabalho tem exatamente a capacidade de crescer valor ao que foi produzido. Essa é sua capacidade específica, gerar valor. Como expressa Marx,

Mas o que é decisivo é o valor de uso específico dessa mercadoria, o fato de ela ser fonte de valor, e de mais valor do que aquele que ela mesma possui. Esse é o serviço específico que o capitalista espera receber dessa mercadoria e, desse modo, ele age de acordo com as leis eternas da troca de mercadorias. Na verdade, o vendedor da força de trabalho, como o vendedor de qualquer outra mercadoria, realiza seu valor de troca e aliena seu valor de uso. Ele não pode obter um sem abrir mão do outro. O valor de uso da força de trabalho, o próprio trabalho, pertence tão pouco a seu vendedor quanto o valor de uso do óleo pertence ao comerciante que o vendeu. (MARX, 2013, p.270)

Ao final do processo de produção é possível visualizar que parte do que o trabalhador produziu não lhe foi remunerado, ou seja, valor foi criado durante o processo e anexado à mercadoria, fazendo que o valor de uso da força de trabalho tenha sido utilizado em toda sua potencialidade, que tenha produzido uma quantidade de valor maior do que seu valor de troca. Essa diferença será apropriada pelo capitalista quando este vender a mercadoria e realizar o mais valor produzido, transformando-o em capital. É com esse intuito que o capitalista investe no processo produtivo. Isto posto, conseguimos perceber que o trabalho nessa sociabilidade é trabalho que cria valor – mais-valor – e capital, sendo assim, que cria as condições e a capacidade de manutenção e ampliação do ciclo de acumulação, uma vez que

este valor criado e absorvido pelo capitalista retorna, em parte, ao processo produtivo como capital inicial, caindo em outro momento desse processo de valorização.

6. TRABALHO PRODUTIVO E IMPRODUTIVO

O trabalho na sociabilidade do capital se apresenta então enquanto forma particular, ou seja, subsumido a esse modo de produção. Dessa forma podemos entender essa categoria tanto em seu sentido ontológico, como apresentado por Marx no início do capítulo 5 do *Capital*, como relação entre o homem e a natureza a fim de atender às suas necessidades de sobrevivência, bem como trabalho assalariado, abstrato, alienado, particularidade engendrada nessa sociabilidade. A abstração razoável do trabalho nos permite também observar uma outra particularidade apontada por Marx no capítulo 6, inédito, publicado posteriormente a sua morte, a discussão acerca do trabalho produtivo e improdutivo. O autor caracteriza o mesmo na seguinte passagem:

Como o fim imediato e [o] produto por excelência da produção capitalista é a mais-valia, temos que só é produtivo aquele trabalho – e só é trabalhador produtivo aquele que emprega a força de trabalho – que diretamente produza mais-valia; portanto, só o trabalho que seja consumido diretamente no processo de produção com vistas à valorização do capital. (MARX, 2004, p.125)

O trabalho, criador de valor e de capital, recebe o qualificativo de produtivo quando o mesmo assume essa função de geração de mais-valor, ou seja, quando cristaliza trabalho em valor acrescido à mercadoria. Quando o mesmo não atua diretamente nesse processo ele é classificado enquanto improdutivo, sendo que pode-se observar que a qualificação não se dá por critérios de produtividade ou morais, mas por entender o papel do mesmo no processo produtivo. Com “a subsunção real do trabalho ao capital”, aqueles que participam diretamente do processo produtivo, para além do operário, mas levando em conta os demais trabalhadores que participam da produção dentro de um processo de divisão de tarefas, são aqueles que atuam na reprodução e valorização do capital. Desta forma, o trabalho ganha, no capitalismo, a característica específica de valorizador.

Para que esse processo possa acontecer em tais termos, se pressupõem o

trabalho assalariado, bem como a força de trabalho, trabalho vivo, passa a ser incorporada ao processo produtivo. Vale ressaltar que nem todo assalariado, para Marx, se constitui enquanto trabalhador produtivo. Quando o trabalho consumido se dá na forma de serviços, como valor de uso, o mesmo não se caracteriza como produtivo, uma vez que não é trabalho gerador de valor. Essa circunscrição do trabalho se funda em sua particularidade, sua especificação que ocorre com essa estrutura produtiva. Faz-se necessário, porém, maior apreensão dos nexos fundamentais dessa característica peculiar apresentada por Marx.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo se propõe um resgate, diretamente de Marx, da função social que o trabalho cumpre nesta sociabilidade, buscando entender o papel do assistente social nesse processo, ao mesmo tempo em que faz-se necessário explicitar que esta forma trabalho, trabalho assalariado, que se encontra espalhada para todos os cantos produtivos da nossa sociabilidade, é forma de valorização do valor, ou seja, é forma criadora de capital. Há um elemento qualitativo inerente ao caráter de assalariamento, o sentido de valorização, que está diretamente coadunado ao sentido da exploração do trabalho e da jornada de trabalho. Assim, pensar o fim da exploração da classe trabalhadora, e do assistente social enquanto trabalhador passa por fazer a crítica dessa forma trabalho, que rouba o tempo de vida e aliena o trabalhador de si mesmo e de sua classe. Antunes (2013, 2015) e Antunes e Braga (2009), apresentam elementos diversos sobre a flexibilização e informatização do trabalho, que atingem a classe trabalhadora em especial pós-reestruturação produtiva, tornando-a mais “precarizada”, “multifacetada”, “polivalente”, ou seja, explorada. Como pontua Raichelis (2018, p.52), “assistentes sociais subcontratadas/os e terceirizadas/os experimentam, assim como os demais trabalhadores assalariados, a precarização do trabalho não protegido, [...], ou seja, a precarização do trabalho e da vida”. Esses mesmos elementos se encontram no Serviço Social e precarizam o trabalho do assistente social, tornando-se uma necessidade se organizar contra essa formação social.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Ricardo (org). **A dialética do trabalho**. Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaio Sobre a Afirmação e Negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 2013.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. **Infoproletários**: Degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

CHASIN, José. **Marx**. Estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

IAMAMOTO, Marilda V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

_____. **Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social**. In: CFESS; ABEPSS. (Org.). Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: 2009.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro I. São Paulo: Boitempo, 2013;

_____. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

RAICHELIS, Raquel. Serviço Social, transformações do trabalho e políticas sociais no capitalismo contemporâneo. *In*: RAICHELIS, Raquel; VICENTE, Damares; ALBUQUERQUE, Valéria. **A Nova Morfologia do Trabalho no Serviço Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

,

,